

Documento Especial

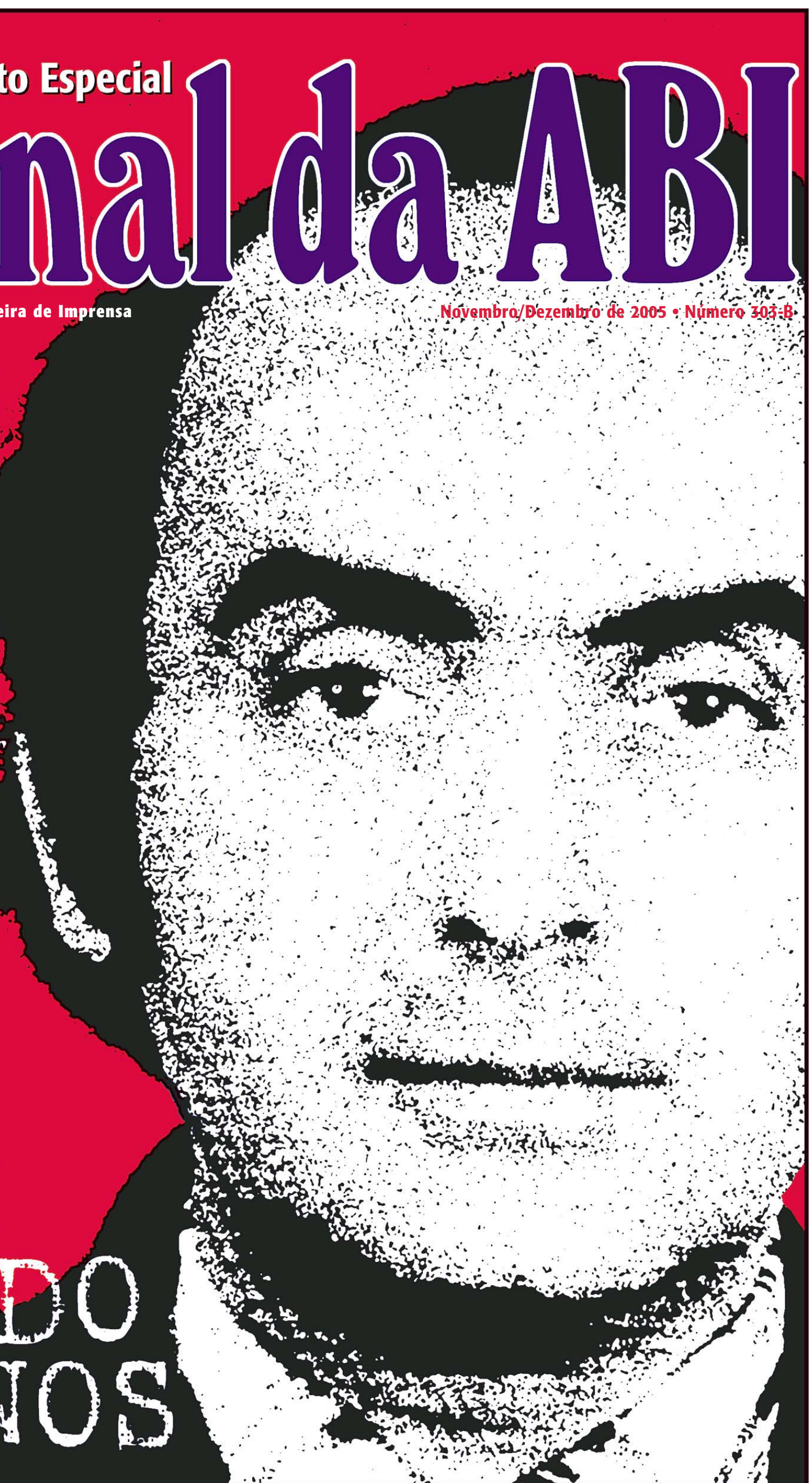
Jornal da ABI

Órgão oficial da Associação Brasileira de Imprensa

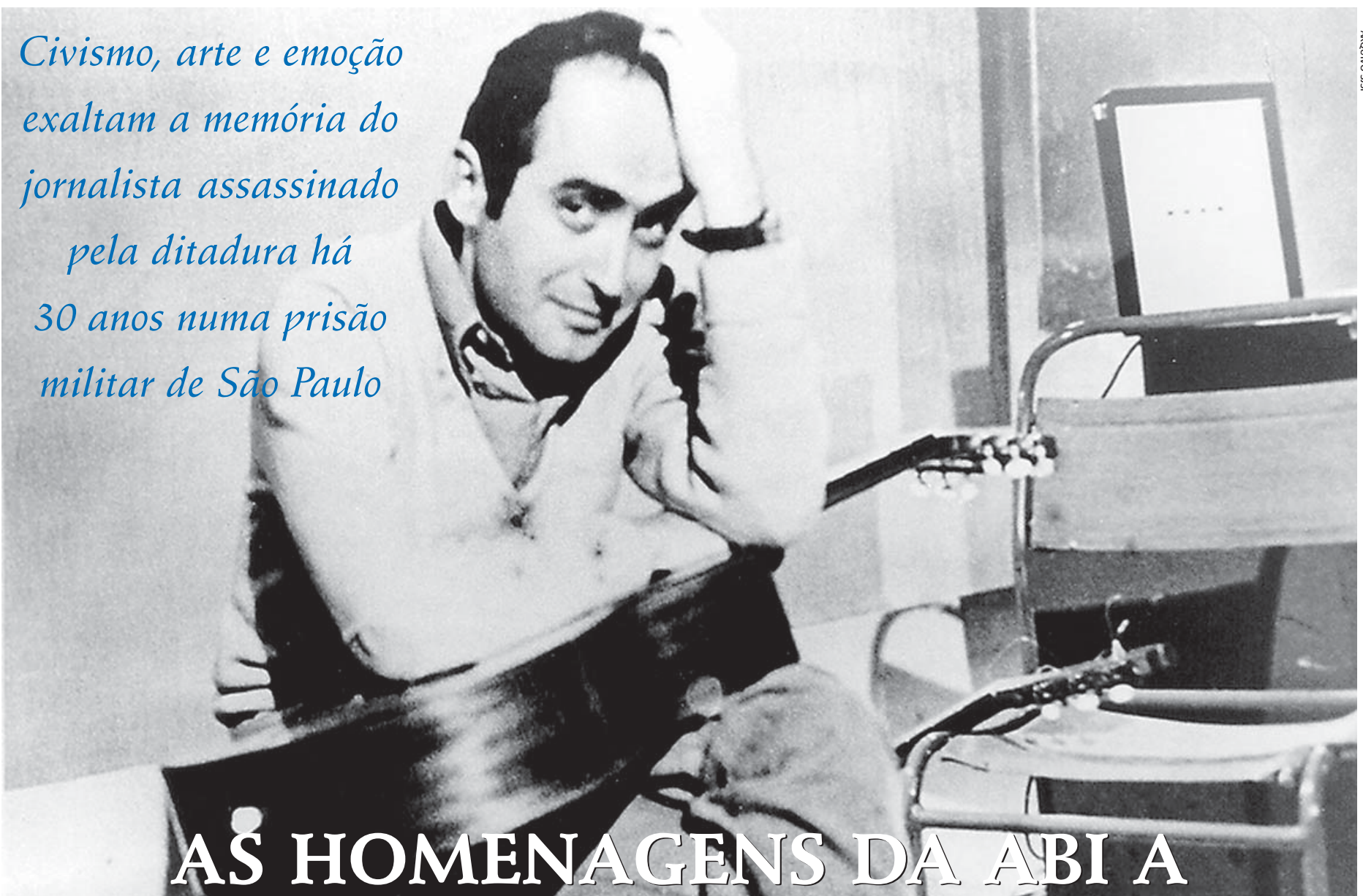
Novembro/Dezembro de 2005 • Número 303-B



VILADO
30 ANOS



*Civismo, arte e emoção
exaltam a memória do
jornalista assassinado
pela ditadura há
30 anos numa prisão
militar de São Paulo*



ARQUIVO SISF

AS HOMENAGENS DA ABI A

VLADIMIR HERZOG

A ABI realizou em dezembro uma série de atos e eventos em homenagem ao jornalista Vladimir Herzog, assassinado em 25 de outubro de 1975 nos porões do Destacamento de Operações Internas/Centro de Operações de Defesa Interna-Doi-Codi do II Exército, sediado em São Paulo.

Os atos deram seqüência à intensa programação em homenagem a Herzog promovida em outubro pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo e outras entidades e se seguiram a uma sessão especial de teatro na ABI, onde um grupo composto por jovens atores, o Sarça de Horeb, apresentou no dia 8 de novembro a peça *Brasil Nunca Mais*, de autoria de Almir Teles, professor de teatro do Centro de Artes das Laranjeiras-Cal e, do Colégio Santo Inácio, que dirigiu a encenação:

Ao fazer a apresentação da peça, em texto sob o título *Nunca Mais Mesmo*, o jornalista Ivan Cavalcanti Proença, professor das Faculdades Hélio Alonso, cujo alunado ocupou todo o espaço do Auditório Oscar Guanabary da ABI, informou que o espetáculo percorre o Brasil há alguns anos, “visando às classes docentes e discentes de diferentes níveis, basicamente ao público univer-

sitário”, mas “indispensável, ainda, ao público comum de teatro em geral” — “aos brasileiros, enfim”. Após destacar a direção experiente e elenco jovem (“nem tudo está perdido”), Proença chamou a atenção para diferentes aspectos do espetáculo:

“Trilha musical funcional, sem caracterizar gênero Revista, o espetáculo transita pelos contextos sociopolítico e cultural do Brasil, a partir da década de 30 até, e inclusivíssimo, os 20 anos obscurantistas da ditadura após o golpe militar de 64.

Estrutura ora orgânica (em trama, rede, enredo), ora episódica (uma cena independente de outra, que a antecedeu ou que a sucederá), o espetáculo passeia por situações rigorosamente cômicas, jocosas, mas — em momentos graves de nossa História política e de lutas libertárias — aborda, através de cenas dramáticas, pungentes, fatos exaustivamente pesquisados e transformados em dramaturgia. Uma aula, no caso, até sem aspas, retomando o (bom) Teatro Didático, aquele que não se conclui através de tom efabulativo, “moral da história”, ensinamento dogmático e declarado. Nem precisa. Basta ser um espetáculo plano de sensibilidade artística,

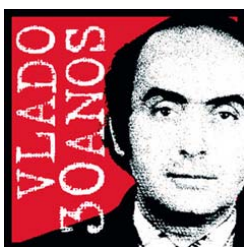
justo, verossímil. E honesto. E bem solucionado na arte de fazer Teatro.”

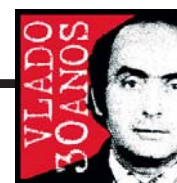
Realizada com a colaboração da Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil / Seção do Estado do Rio de Janeiro e da Associação Scholem Aleichem, a programação foi iniciada no dia 5 de dezembro, às 18h, com a apresentação do filme *Vlado, 30 anos*, de João Batista de Andrade, e prosseguiu às 20 h com um ato cívico e afetivo em memória de Herzog, com a participação do Rabino Henry Sobel, Presidente da Congregação Israelita Paulista que, veio de São Paulo, convidado pela ABI, especialmente para o ato. Foram oradores da cerimônia, que transcorreu sob intensa emoção dos presentes, o Vice-Presidente da ABI, Audálio Dantas, que presidia o Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo na época da morte de Herzog, o Presidente da Asa, Horácio Schechter, e o Rabino Henry Sobel. Além de Ivo Herzog, filho de Vlado, que não pôde comparecer à sessão, enviaram mensagens de exaltação da memória de Vlado o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o Governador de São Paulo Geraldo Alckmin.

Três dias depois, em 8 de dezembro, a ABI inaugurou no Salão João

Antônio Mesplé, saguão do Auditório Oscar Guanabary, a exposição de artes plásticas *Caderno de Anotações*, montada originalmente em São Paulo, nas comemorações organizadas pelo Sindicato dos Jornalistas no Estado, e que teve como curadora a crítica de arte Radha Abramo. A mostra foi enriquecida pelas criações agregadas à montagem inicial por criações de artistas plásticos do Rio, sob a curadoria de José Maria Dias da Cruz, que, apesar da escassez de tempo, mobilizou expressivo número de artistas para se integrar à exposição. Além do *Caderno de Anotações*, que ficou aberta ao público até 20 de dezembro, a exposição incluiu a exibição de telas de Antônio Henrique Amaral, Elifas Andreato, ambos de São Paulo, e Kate Van Scherpenberg, do Rio. No mesmo dia o jornalista e escritor Paulo Markun autografou seu livro *Meu querido Vlado*, iniciativa infelizmente prejudicada pela deficiente promoção feita pela editora da obra.

Nesta página e nas seguintes o Jornal da ABI mostra os eventos que a Casa promoveu e reproduz depoimentos e reportagens sobre aqueles terríveis dias de outubro de 1975 em que foi levado ao sacrifício nosso irmão Vladimir Herzog.





UM MARCO DA LUTA PELA LIBERDADE

A virada começou com o sacrifício de Vlado, diz Audálio Dantas.

A exibição do documentário *Vlado, 30 anos*, de João Batista de Andrade, Secretário de Cultura do Estado de São Paulo, abriu o conjunto de atos em memória de Vladimir Herzog.

O Presidente da ABI, Maurício Azêdo, justificou a ausência de João Batista de Andrade, que fora convocado para uma reunião de Secretariado pelo Governador Geraldo Alckmin e não pôde vir, como combinado, para apresentar o filme. Em seguida, Maurício passou a palavra a Audálio Dantas, Vice-Presidente da ABI, que fez breve apresentação do documentário, recordando que João Batista de Andrade é autor de filmes brasileiros importantes como *O homem que virou suco*, *O país dos tenentes* e *Doramundo*, neste último, dividiu a autoria com Vlado. Audálio lembrou também que a intenção de Andrade era produzir uma ficção logo após a morte do jornalista, contando sua história e os momentos que precederam sua prisão em 25 de outubro de 1975.

Disse Audálio, que Andrade produziu *Vlado, 30 anos* com a intenção de lembrar e manter viva a história do jornalista não como um mártir, mas como um marco que deflagrou um movimento em busca das liberdades fundamentais. Ele lembrou ainda que, há 30 anos, enquanto ocorria o ato ecumênico em homenagem a Vladimir Herzog em São Paulo, Barbosa Lima Sobrinho e Prudente de Moraes, neto, dirigiam uma sessão simultânea no auditório da ABI.

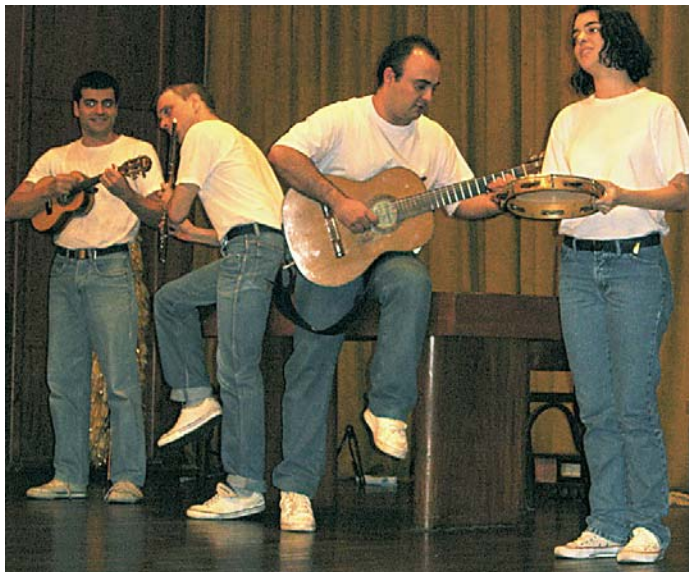
No começo do documentário, João Batista de Andrade diz que percebia uma falha em sua biografia por não ter produzido até então o filme sobre a história de Vlado e conta que os depoimentos relatam cenas das testemunhas daquele período que conheciam o jornalista.

O ato

À exibição do filme seguiu-se um ato cívico e afetivo em memória de Vladimir Herzog. Audálio Dantas sau-



Silêncio por Vlado: Horácio Schechter, Presidente da Associação Scholem Aleichem, Rabino Henry Sobel, Maurício Azêdo e Audálio Dantas. O conjunto tocou antes da peça Brasil Nunca Mais. Watusi interpretou a capela O bêbado e a equilibrista.



JOSE RENALDO MARQUES

ditava na verdade e na força da informação livre. Calaram a sua voz, mas não a sua mensagem.

dou a ABI pela iniciativa das homenagens a Vlado, “símbolo de uma reação definitiva da sociedade contra o que acontecia na ditadura”. Recordou ainda as palavras marcantes do Rabino Henry Sobel, Presidente da Congregação Israelita Paulista, durante o ato ecumênico de São Paulo, em outubro de 1975:

— Henry Sobel estava ali não porque havia morrido um jornalista, um judeu, mas um homem. Aquilo era uma violência e por isso protestava.

Horácio Schechter, Presidente da Associação Scholem Aleichem, falou sobre sua instituição, criada por emigrantes judeus que vieram para o Brasil recomeçar suas vidas, e que hoje se tornou um centro de debates:

— Acreditamos que é possível umundo melhor, baseado nos princípios de paz, democracia e liberdade. Vlado era militante das causas sociais e acre-

— Ele foi bastante incisivo ao citar trechos da Bíblia, como o mandamento “não matarás”. Costumo dizer na Congregação que o silêncio é o mais grave dos pecados. A tragédia de Herzog nos aproximou uns dos outros, todos os credos e raças. Sejam cristãos, judeus, muçulmanos, budistas ou mesmo ateus, digamos não à violência; sim à paz.

Ao final do ato, o Presidente da ABI convidou a platéia a se levantar para um minuto de silêncio em homenagem a Vlado. Em seguida, a cantora Watusi subiu ao palco para cantar *O bêbado e a equilibrista*, de Aldir Blanc e João Bosco, considerado, segundo o Presidente da ABI, um hino da resistência naqueles anos difíceis.

A programação continuou, também no Auditório Oscar Guanabara, com a abertura da mostra de artes plásticas *Caderno de Anotações*, reunindo criações de cerca de 50 artistas plásticos paulistas que, a pedido do Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, produziram um material visual em homenagem ao jornalista, exposto



RODRIGO CAMERA

como se estivesse numa caderneta usada por repórteres. Também integraram a mostra criações de artistas plásticos radicados no Rio, convidados pelo pintor e professor José Maria Dias da Cruz. Para a exposição veio especialmente de São Paulo a jornalista e crítica de artes Radha Abramo, que liderou o movimento de produção e captação de obras no Estado. Com ela vieram os subcuradores Cildo Oliveira e Lúcia Py.

O jornalista Paulo Markun, companheiro de Vladimir Herzog na prisão, fez noite de autógrafos para o lançamento no Rio de seu livro mais recente, *Meu querido Vlado*. — Foi uma excelente oportunidade de encontrar meus amigos cariocas, além de continuarmos as homenagens ao Vlado, não só com meu livro, mas com a exposição. A ABI participou ativamente desse episódio e o seu então Presidente, Prudente de Moraes, neto, viajou especialmente para São Paulo para prestar solidariedade à família, ao sindicato e aos jornalistas.

A mensagem de Alckmin

“Prezados Senhores, O Governador Geraldo Alckmin (foto) expressa votos de que os atos em memória de Vladimir Herzog mantenham viva a consciência da importância da democracia, da liberdade de expressão e respeito aos direitos humanos e da necessidade de mantermos a indignação às ações de truculência, prisão, tortura e morte de qualquer governo ditatorial.”



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO - LUIZ CARLOS LEITE

Sem poder comparecer aos eventos programados pela ABI, o Governador transmite-lhes seus cumprimentos pela iniciativa, extensivos aos membros da Comissão de Direitos Humanos da OAB-RJ e da Associação Scholem Aleichem, e deseja sucesso ao livro *Meu querido Vlado*, de Paulo Markun.”

O AGRADECIMENTO DE IVO HERZOG

“Caro Presidente Maurício Azêdo, Gostaria, em nome da nossa família, de agradecer a homenagem prestada ao meu pai, Vladimir Herzog.”

Nestes 30 anos muitas coisas se passaram no nosso País. Enquanto as instituições democráticas se fortaleciam, outros problemas sociais de desrespeito aos direitos humanos foram surgindo.

Várias batalhas foram vencidas naquela luta iniciada sob a liderança do Sindicato dos Jornalistas. A luta ainda continua. Mas precisamos continuar tendo o apoio da imprensa para as novas questões que afligem os brasileiros.

Vivemos guerras urbanas que têm sua origem em comum com o que meu pai lutava: o desrespeito aos direitos humanos. Desrespeito na forma de desigualdade social, na forma de um sis-

tema de educação medíocre que dificulta a conquista de um lugar no mercado de trabalho formal àquelas pessoas que dependem deste sistema público. Desrespeito na forma de um sistema judiciário que não pune aqueles que cometem crimes contra nós. E, finalmente, desrespeito na forma de um sistema político corrupto, que suga o dinheiro de um povo sofrido, em prol de uma casta social (de políticos) que não tem limites em sua ambição por dinheiro.

Porém, graças ao trabalho de companheiros que estão esta noite com você e muitas outras pessoas que se indignam ao verem atrocidades sendo cometidas contra outras pessoas, podemos continuar tendo uma esperança por justiça, ética e igualdade de direitos.

A imprensa tem sido nossa guardiã. Obrigado. (a) Ivo Herzog.

A palavra do Presidente Lula

– O sacrifício de Vlado viabilizou a realização das greves do ABC

“Senhoras e senhores, Embora não possa comparecer a este ato em memória do inesquecível Vladimir Herzog, quero, mesmo à distância, juntar-me a todos os presentes para homenagear aquele jornalista dinâmico e corajoso.”

A morte de Vlado tornou-o mártir e revigorou a luta contra o arbítrio e a opressão. Desencadeou processo irrefreável que conduziu aos memoráveis movimentos populares que, por sua vez, forçaram o retomo ao Estado Democrático de Direito.

O clima criado por seu sacrifício recuperou a capacidade de mobilização do movimento sindical e tornou possível a realização, poucos anos depois, das históricas greves ocorridas no ABC paulista, que tanto contribuíram para a redemocratização do País.

O longo e difícil período que produziu o desaparecimento do nosso Vlado e de outros bravos companheiros que ofereceram sua luta e suas vidas pela recuperação das liberdades democráticas amadureceu a sociedade brasileira. Fez com que se desenvolvesse no coração dos verdadeiros patriotas forte sentimento de resistência a todo tipo de aventuras golpistas, ostensivas ou dissimuladas em ações camufladas por falso pudor moralista.

Os documentos oficiais federais que registram episódios relacionados com a repressão daqueles anos, mantidos inacessíveis até o advento de nosso Governo, estão sendo transferidos para o Arquivo Nacional para, finalmente, estar à disposição da pesquisa e resgatar nossa História.

Ao integrar-me a esta platéia, quero estender a justa homenagem que ela hoje presta a Vladimir Herzog, à valente Clarice e a seus filhos, aos heróicos combatentes que tomaram na luta pela liberdade e aos que ainda felizmente estão entre nós, vários dos quais aqui presentes.

Recebam todos meu fraternal abraço. (a) Luiz Inácio Lula da Silva, Presidente da República”



JOSE CRUZ/ABR

KATIE: A REVOLTA NA ARTE

Em *Caderno de Anotações — Vlado, 30 anos*, exposição que ficou aberta ao público na ABI até o dia 20 de dezembro, Katie Van Scherpenberg estava entre os poucos artistas que não participaram da mostra com um bloco de anotações, idéia central da exposição. Ela exibe uma tela em que aparece a figura de um dos generais do regime militar. — A minha inspiração partiu das várias aparições de generais naquele período terrível da ditadura. Eles apareciam muitas vezes para defender o indefensável.

Revelou Katie que jamais foram dados nomes aos personagens de suas obras, pois sua intenção era apenas manifestar seu sentimento de revolta: — Quando cheguei ao Rio, em 1973, fiquei revoltada com tudo o que acontecia. Os quadros eram uma forma de tentar achar uma razão que justificasse as atitudes dos militares.

Lisonjeada por participar da exposição, Katie diz que muitos artistas produziram trabalhos inspirados nos acontecimentos da época da ditadura. — O que nos motivava era o sentimento de estar censurados, de não podermos manifestar nossos pensamentos. Brigávamos por melhores condições de trabalho e liberdade de expressão.

De 1973 a 78, Katie produziu três séries cujo tema era a ditadura: *Pátria amada*, *Palanques* e *Os executivos*. Na época ela era uma pessoa politicamente ativa, tendo participado da fundação da Associação Brasileira de Artistas Plásticos Profissionais (Abapp), que no início funcionou em sua casa: — A Associação ajudou muita gente a ter informa-



RODRIGO CAHERA

Katie Van Scherpenberg exibe uma tela das três séries que fez sobre a ditadura.

ções sobre seu trabalho como artista, a aprender até como montar uma exposição ou encontrar alternativas para ganhar dinheiro com a arte.

Posteriormente, Katie fez um estudo para saber como melhorar o material usado pelos artistas plásticos e publicou um livretinho sobre a precariedade instrumental no Brasil: — Em seguida, comecei a dar aulas para artistas, ensinando como produzir o próprio material. A tinta em casa, por exemplo, tem custo baixíssimo.

Para janeiro, Katie programou uma oficina intensiva de materiais e técnicas em pintura. Quem quiser conhecer seus trabalhos pode acessar www.katievanschperpenberg.art.br e conferir seu acervo.

Katie Van Scherpenberg nasceu em São Paulo, em 1940. Passou a infância na Inglaterra e retornou ao Brasil em 1946. Morou na Ilha de Santana, no Rio Amazonas, e em 1973 mudou-se definitivamente para o Rio de Janeiro, onde mora até hoje, e estudou pintura com Caterina

OS EXPOSITORES

De São Paulo

Aprígio Fonseca • Ana Alice Francisquetti • Anamária Veisencher • Antônio Henrique do Amaral • Astrid Salles • Bárbara Schubert Spanoudis • Braz Dias • Cildo Oliveira • Cirton Genaro • Cláudio Tozzi • Dworeki • Eduardo Iglesias • Elifas Andreato • Ermelindo Nardin • Fernanda Amalfi • Fernando Durão • Fernando Lemos • Gershon Knispel • Gilberto Salvador • Gregório Gruber • Guersoni • Guilherme de Farias • Guto Lacaz • Joana Baraúna • José Roberto Leonel Barreto • Kamori • Lily Simon • Lorena Hollanda • Lúcia Porto • Lúcia Py • Luciana Mendonça • Lúcio Tamino • Lucy Salles • Luiz Castañon • Maria Bonomi • Marilzes Petroni • Nelson Screnci • Norberto Stori • Norha Beltran • Paulino Lazur • Riva Rapoport • Sara Goldman Belz • Solange Gusmão • Sonia Von Brusky • Thais Gomes • Vera Salamanca • Walter Miranda

Do Rio de Janeiro

Bob N • Bruno Lopes Lima • Carlos Contente • Carolina Ponte • José Maria Dias da Cruz • Júlio Csekö • Latoe V. Scherpenberg • Nara Varela • Orlando Molica • Pedro Varela

Do Ceará

Klévisson Viana

Baratelli. Depois, estudou escultura com George Brenninger na Academia de Belas-Artes da Universidade Federal de Munique, na Alemanha, e aquarela com Oscar Kokoschka, na Schule der Sehens em Salzburgo, na Áustria. Em 1976, deu início à carreira de professora de artes plásticas, lecionando em faculdades, instituições artísticas e escolas de todo o Brasil. Atualmente, leciona em seu ateliê ou dá cursos especiais.

Jornal da ABI

Documento Especial
VLADO, 30 ANOS

Editores: Francisco Ucha, Joseti Marques e Maurício Azêdo.
Textos (especiais ou transcrições): Audálio Dantas, Henry Sobel, Ivan Cavalcanti Proença, José Mindlin, José Reinaldo Marques, Maurício Azêdo, Paulo Markun, Ricardo Kotscho, Rodolfo Konder, Rodrigo Caixeta, Sérgio Gomes, Zuenir Ventura.
Apoio à produção editorial: Ana Paula Aguiar, Fernando Luiz Baptista Martins, Guilherme Povill Vianna, Maria Ilka Azêdo, Solange Noronha.



“AMIGO VLADIMIR, AQUI ESTAMOS”

A saudação do judaísmo ao grande morto, na voz de Horácio Schechter, Presidente da Asa.

“Estamos aqui reunidos para homenagear o jornalista Vladimir Herzog. Trago o abraço fraterno e solidário da Associação Scholem Aleichem-Asa, centro do judaísmo progressista do Rio de Janeiro, aos amigos de Herzog.

Existe entre os judeus e suas entidades muita coisa em comum. Em agosto deste ano, a Asa comemorou 41 anos e, na qualidade de sucessora da Biblioteca Scholem Aleichem, representa uma trajetória de cerca de 81 anos.

A Biblioteca e a Asa em várias épocas sofreram intervenção e vigilância por parte dos órgãos de segurança.

A Asa é um Centro de Cultura. Seus fundadores são emigrantes, vindos principalmente da Europa Oriental. Judeus. Chegaram ao Brasil para recomeçar suas vidas. Além de sua bagagem, traziam suas tradições e costumes, e um sólido conjunto de valores éticos e morais. A vida familiar tinha sua seqüência natural nas atividades sociais onde preservavam sua cultura, traduzidas em grupos corais, grupos teatrais, bibliotecas, círculos de leitura e publicações impressas. Essas atividades são desenvolvidas até os dias de hoje.

A Asa é um Centro de Debates. Seus fundadores participavam ativamente da mobilização em torno de idéias políticas da época que trouxeram de seus países de origem. Sentiam a necessidade e o imperativo de transformações para a construção de um mundo melhor.

Deles herdamos seus sonhos a que não renunciamos. Acreditamos que um mundo melhor é possível. Um mundo com menos violência e sem exclusões. Um mundo de Justiça Social, mais igualitário e de respeito ao próximo e aos seus direitos. Um mundo baseado em princípios de paz, democracia e liberdade.

Acreditamos no Homem. Acreditamos no seu sentimento de fraternidade, solidariedade e tolerância. Acreditamos no seu senso de justiça.

Assumimos um compromisso. Somos daqueles que não aceitam o fim da História. Continuaremos a buscar novos caminhos e novos horizontes para a construção de um mundo melhor. Existem muitas alternativas para atingir esse objetivo e a Asa sempre será um espaço livre para a sua análise, avaliação e reflexão.

Minha família também sofreu com a ditadura. Permitam-me lembrar meu falecido pai Hersch Schechter. Filho de emigrantes. Jovem emigrante. Judeu. Também acreditava que um mundo melhor era possível. Militante das causas sociais desde cedo.

Jornalista. Em abril de 47, fundou o jornal *Nossa Voz* (Undzer Schtime), voltado para o setor progressista da coletividade judaica. Era seu dirigente e também redator. Na véspera da edição do seu 17º aniversário, a repressão fecha o jornal e empastela a gráfica Isbra onde era impresso. Busca refúgio em Montevideu - Uruguai, terra sempre generosa. Quando houve condições, volta ao Brasil e trabalha na revista *Veja* até se aposentar por estar com uma doença grave.

Vladimir Herzog. Filho de emigrantes. Jovem emigrante. Judeu. Também acreditava que um mundo melhor era possível. Militante das causas sociais. Jornalista. Deixa a revista *Visão* onde era editor de cultura, e passa a dirigir o Departamento de Jornalismo da TV Cultura. Acreditava na verdade e na força da informação livre. Combatia a censura, que considerava uma forma de violência.

O General Ednardo D'Ávila, Comandante do II Exército, quer atingir as vozes de oposição. Os jornalistas são o alvo principal. Passam a ser perseguidos, sofrem prisões arbitrárias e tortura.

25 de outubro de 75. Herzog vai ao Doi-Codi paulista. Cerca das 15 horas. Jornalistas presos ouvem os gritos de Herzog. A princípio, fortes; a seguir, sufocados; e finalmente, o silêncio. Calaram a voz de Vladimir Herzog.

Nossa homenagem a Vladimir Herzog. Homem do seu tempo. A dignidade foi o traço de sua vida e de sua morte. Honrou sua vida, sensível aos problemas sociais. Honrou seu trabalho, sempre à procura da verdade. Honrou sua morte, rasgando a falsa confissão que queriam obrigá-lo a assinar. Torna-se o mártir da abertura segundo Zuenir Ventura.

Rompe-se o equilíbrio. A linha dura do golpe militar começa a perder espaço.

Nesta ocasião, devemos lembrar ainda das pessoas que não se calaram, pessoas que dão uma maior dimensão ao ser humano. A indignação vencera o medo em tempos duros e difíceis. Mil perdões se não cito outros por esquecimento ou por ignorância.

Nossa homenagem a Clarice Herzog, mulher e esposa que se transforma em leoa para provar que Herzog havia sido assassinado. Seu grito lancinante “mataram o Vlado” percorre e sacode todo o Brasil.

Nossa homenagem aos advogados Heleno Frangoso, defensor de tantos presos políticos, e a Sérgio Bermudes, que abraçaram a causa de Vladimir Herzog, sem temer possíveis represálias.

Nossa homenagem ao Juiz Márcio José de Moraes que deu a sentença, em 25 de outubro de 1978, considerando a União responsável pela prisão, tortura e morte de Vladimir Herzog.

Nossa homenagem ao Rabino Henry Sobel, participante ativo nas grandes causas da coletividade judaica e do diálogo ecumênico. O Rabino Sobel recusou-se a enterrar Herzog no lugar destinado aos suicidas conforme manda a tradição judaica. A farsa não seria aceita. Acompanha a família em toda sua luta e sofrimento. No Cemitério Israelita, no enterro, cerca de 1.000 pessoas e muitos agentes da repressão.

Nossa homenagem ao Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, que usou seu espaço para denunciar a tortura e falava sobre liberdade e dignidade humanas, para desgosto dos militares. Aceitou a proposta e foi um dos incentivadores da missa ecumênica realizada na Catedral da Sé. 8.000 pessoas compareceram, vencendo as barreiras policiais. A missa foi celebrada pelo próprio D.Paulo, por Dom Helder Câmara, Arcebispo de Olinda e Recife, pelo Rabino Sobel e pelo Reverendo James Wright. Citando palavras bíblicas, Dom Paulo, com sua voz tão característica, inicia sua oração “ Maldito aquele que tem as mãos manchadas pelo sangue de seu irmão “.

Nossa homenagem a Audálio Dantas, Presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo na época. Liderando os jornalistas, fez aprovar a proposta de missa ecumênica, sugestão de David de Moraes, em assembléia de 300 jornalistas.

No enterro de Herzog, lembra Castro Alves:

**Senhor Deus dos Desgraçados,
Dizei-me Vós, Senhor Deus,
se é loucura... se é Verdade
tanto horror perante os céus.**

Na convocação para o enterro, já denunciava as prisões arbitrárias e o prolongamento da incomunicabilidade acima dos dez dias legais. Na missa, no seu pronunciamento, preocupou-se com a segurança dos presentes – pediu que todos saíssem em pequenos grupos e em silêncio.

Inicia-se uma abertura lenta. Recuos e avanços. Sai a anistia recíproca aceita pela ditadura. O movimento das diretas atravessa e mobiliza o País. Finalmente, os militares recolhem-se à caserna e o poder é entregue aos civis. As sementes da Liberdade e da democracia germinaram e hoje são tenras plantinhas que precisamos fazer crescer cada vez mais.

Recordo desde a infância que nas solenidades em homenagem aos 6 milhões de judeus mortos, vítimas do nazismo, havia sempre uma faixa com os dizeres – Não perdoar e não esquecer ... Hoje, entendo. Não é uma questão de vingança. É uma questão de Justiça. Os governos civis após o término da ditadura – Sarney, Collor, Fernando Henrique e agora Lula – nada fizeram para punir os torturadores e assassinos. É preciso dar um basta a essa impunidade ou aceitaremos passivamente a barbárie. Tortura e assassinato são crimes contra a Humanidade, não devem prescrever e têm que ser punidos.

Amigo Herzog, calaram a tua voz, mas não calaram a tua mensagem. Descansa em paz. Tua esposa e teus filhos sempre sentirão orgulho de você. Nós também.

A letra do hino dos partisans na 2ª Guerra Mundial diz em sua primeira estrofe:

**Não digas nunca que este é o último caminho;
sob negras nuvens claro dia se desvenda.
Ainda há de vir o dia que sonhamos,
nosso passo ressoará – Aqui estamos.**

Amigo Vladimir Herzog, aqui estamos e continuaremos a caminhada.”

O ALVORECER DA RESISTÊNCIA

José Reinaldo Marques

“Mas que vejo eu aí? (...) Que quadro d'amarguras! Que canto funeral! (...) que tétricas figuras! (...) que cena infame e vil (...) Meu Deus! Meu Deus! Que horror!” Citando estes versos do poema *Navio negreiro*, de Castro Alves, o jornalista Audálio Dantas, hoje Vice-Presidente da ABI e na época Presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo, prestou a última homenagem ao jornalista Vladimir Herzog, cujo corpo foi enterrado no dia 27 de outubro de 1975, no Cemitério Israelita do Butantã, na capital paulista.

A morte de Vladimir Herzog aconteceu há 30 anos, no dia 25 de outubro, de maneira violenta e misteriosa nas dependências do Doi-Codi do II Exército, em São Paulo, para onde se dirigiu para atender a uma intimação de agentes de segurança da ditadura militar que o procuraram, na noite anterior, na redação da TV Cultura, onde era diretor do Departamento de Jornalismo, com ordens de levá-lo para prestar depoimento.

Herzog foi procurado na emissora por volta das nove e meia da noite de sexta-feira, 24 de outubro. Diante da reação da Direção da emissora e dos colegas de redação ao procedimento dos agentes de segurança, estes, depois de consultar seus superiores, comunicaram a Vladimir Herzog que ele deveria comparecer às dependências do II Exército na manhã do dia seguinte, o que ele fez no horário combinado, oito horas da manhã.

A reação da imprensa

A morte de Vladimir Herzog mostrou como a chamada linha dura do regime militar agia com quem eles consideravam uma ameaça aos seus planos políticos. A ação vinha sempre recheada de truculência, prisão, tortura e morte. Mas a imprensa reagiu, enfrentou a intolerância e a censura e mobilizou a sociedade. No dia seguinte à morte de Vladimir Herzog, o Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, sob a liderança do jornalista Audálio Dantas, distribuiu um comunicado, responsabilizando os militares pelo fato, independentemente das circunstâncias em que ocorreria: “Não obstante as informações fornecidas pelo II Exército, o Sindicato dos Jornalistas deseja notar que, perante a lei, a autoridade é sempre responsável pela integridade física das pessoas que coloca sob sua guarda”.

Quando receberam a notícia da morte de Vladimir Herzog os membros da diretoria do Sindicato estavam em Presidente Prudente, no interior do Estado, participando de uma palestra sobre liberdade de imprensa. Segundo Audálio Dantas, o grande número de denúncias sobre o desaparecimento de pessoas



Vlado numa de suas fotos mais conhecidas: ele era um homem que tinha a alegria de criar e de viver.

consideradas subversivas pelo governo militar levou o Sindicato a avaliar, naquele momento, que a pressão poderia levar a um recuo das forças da repressão; no entanto, a morte do Vlado provou que estavam enganados.

No Rio de Janeiro, ao tomar conhecimento da morte de Herzog, a ABI se solidarizou imediatamente com o Sindicato paulista: — A ABI foi a primeira e única instituição a prestar solidariedade ao Sindicato imediatamente após a notícia da morte do Vlado, e as posições assumidas pelo então Presidente da entidade, Prudente de Moraes, neto, pedindo a instauração de um Inquérito Policial Militar (IPM) para apurar as causas da morte, foram de fundamental ajuda no caso — diz Audálio Dantas.

No ofício que enviou ao Comandante do II Exército, General Ednardo D'Ávila Melo, no dia 27 de outubro de 1975, “expressando a inquietação de toda a imprensa” diante das circunstâncias que levaram à morte de Herzog, a ABI dizia lamentar “os recentes acontecimentos em São Paulo, onde um número de jornalistas vem sendo preso e submetido a longos interrogatórios sem assistência jurídica, em regime de incomunicabilidade. Estes acontecimentos tornaram-se mais preocupantes com a morte do jornalista Vladimir Herzog”.

A mensagem citava ainda a necessidade da instauração de um IPM, “que será indispensável para o total esclarecimento dos fatos e da opinião pública do País, mas não produzirá, a nosso ver, o efeito que todos desejam se não for acompanhado pelo Ministério Público da Justiça Militar e com acesso da imprensa às diligências e depoimentos referentes às investigações”.

No editorial *Nos limites da intolerância*, publicado em 28 de outubro, *O Estado de S. Paulo* chamava a atenção para sua indignação “face a tudo o que desagregue o tecido social expresso na lei”.

Seguia dizendo: “É imperativo alimentar na opinião a consciência aguda do Direito e respeito à pessoa humana (...) e o que nos faz reprisar o assunto das prisões efetuadas pelos diversos organismos de segurança é a condição de cidadão de que até sábado à tarde estava revestido o sr. Vladimir Herzog, com direito à tutela do Estado.”

Hoje, Audálio Dantas acha que o papel desempenhado pelo Sindicato dos Jornalistas no episódio ainda precisa ser mais bem avaliado:

— Se o sacrifício de Herzog foi o ponto de partida para o desmonte do aparelho de repressão armado pela ultradireita, que lutava pela hegemonia da ditadura militar, a atuação do Sindicato no episódio marcou o momento em que se abriu espaço para o crescimento da resistência da sociedade civil ao regime instalado no País com o golpe de 64. Naqueles dias de outubro, o Sindicato dos Jornalistas de São Paulo era a principal trincheira, uma referência para a sociedade civil na luta contra a repressão.

Dois versões

A versão oficial para a morte de Vladimir Herzog, apresentada pelo II Exército através de nota, comunicava que “Vladimir Herzog foi encontrado morto enforcado dentro da cela e tendo para isso se utilizado de uma tira de pano, na sala onde fora deixado”.

O jornalista Rodolfo Konder conta que viu Vladimir Herzog dentro do Doi-Codi sendo acareado com outros dois presos. Eles usavam capuzes pretos e não podiam ver uns aos outros, mas Konder diz que levantou ligeiramente o capuz e viu que era o colega pelo andar e pelos sapatos: “Reconheci os mocassins pretos que o Vlado usava”.

Konder revela que durante o interrogatório, Herzog negava que pertencesse ao Partido Comunista, o que irritava os torturadores. Konder e o outro preso foram então retirados para outra sala, de onde puderam ouvir a ordem para que trouxessem a máquina de eletrochoque e, depois, os primeiros gritos de Herzog:

— Os choques eram muito violentos e faziam o Vlado urrar de dor. Os agentes chegaram a ligar um rádio a todo volume para tentar abafar os sons. Cerca de uma hora depois me levaram a outra sala, onde eu pude ver o Vlado. O interrogador pediu que eu dissesse a ele que não adiantava resistir e fui obrigado a ajudá-lo a redigir uma confissão, dizendo que ele havia sido aliciado por mim para ingressar no PCB e apontando outras pessoas que também deviam ser integrantes do partido.

Em seguida, Konder foi retirado da sala de interrogatório — “os gritos começaram”, lembra — e essa deve ter sido a última vez que Vladimir Herzog foi visto com vida.

A família de Herzog foi informada

da sua morte através da direção da TV Cultura. O comunicado do Comando do II Exército informando que o jornalista havia “se suicidado” na prisão foi feito na noite de sábado e o laudo do IML atestava como causa da morte “asfixia mecânica por enforcamento, na sede do Doi-Codi, em hora ignorada”.

Campanha

Companheiro de Herzog na TV Cultura, o jornalista Paulo Markun acha que Vlado foi vítima também de campanha deflagrada na imprensa, “através de notinhas plantadas” por simpatizantes do regime militar. A campanha mirava diretamente o Secretário Estadual de Cultura de São Paulo, José Mindlin, e o Governador Paulo Egídio, acusados de permitirem a ação de comunistas na emissora. Esse movimento expunha também a luta que vinha sendo travada dentro do Governo pelo grupo da linha dura do regime, alinhada com o Ministro do Exército, General Sílvio Frota, e o pessoal do Presidente Ernesto Geisel, que havia assumido, em 1974, prometendo dar início ao processo de abertura política:

— O objetivo dessa campanha, na realidade, era derrubar o Geisel. Como o Vlado era o Diretor de Jornalismo da emissora e havia sido contratado por indicação do José Mindlin, passou a ser o alvo dos agentes de segurança da ditadura.

Vladimir Herzog foi chamado por José Mindlin para assumir o Departamento de Jornalismo da TV Cultura por causa do seu currículo. Ele começou a carreira jornalística no *Estado*, em 1959, logo depois de concluir o curso de Filosofia na Universidade de São Paulo. Foi redator do programa *Show de notícias*, do Canal 9 de São Paulo, e trabalhou na revista *Visão*, no escritório da BBC em Londres. Na opinião dos amigos, era um homem retraído, apaixonado por cinema e telejornalismo e muito preocupado com as questões culturais. Tinha simpatia pelo Partido Comunista, porque acreditava que a organização era a única que defendia a tese de que os rumos do País mereciam uma discussão aberta. “Mas era terminantemente contra a luta armada, porque não acreditava que essa fosse a solução para derrubar a ditadura no País”, diz Audálio Dantas.

Paulo Markun diz que por duas vezes alertou Vlado para a possibilidade de ele ser preso. Na primeira vez, escreveu um bilhete da prisão e pediu à sua irmã Rosa Lia Markun que o levasse a ele. Dois dias depois, autorizado a deixar a cadeia para participar do batizado da filha que completava seis meses, expôs a Vladimir Herzog, pessoalmente, os riscos que ele estava correndo:

— Não tenho nada a ver com isso, ele me disse. Na minha opinião, o Vlado achava que conseguiria suportar qualquer tipo de pressão. O fato de dirigir a



TV que estava sofrendo uma forte campanha e sendo acusada de ser simpatizante do comunismo, no meu entender, provocou nele um sentimento de que se saísse do cargo, naquele momento, estaria assumindo que era culpado. Tenho a impressão de que ele acreditava que fosse capaz de resistir.

Símbolo da resistência

Entre 1969, depois da publicação do AI-5, e 1975, dos milhares de pessoas presas, centenas foram torturadas ou mortas nas mãos dos agentes de segurança do regime militar. Os militares, porém, não contavam que a morte de Vladimir Herzog fosse despertar tão forte reação da sociedade:

— Pela primeira vez a sociedade brasileira acordou. A morte do Vlado provocou uma reação significativa, em que destaco os seguintes pontos: o fato de o Sindicato dos Jornalistas de São Paulo à época estar sob o controle de uma chapa combativa e lutar pela liberdade de imprensa; o fato de o Vlado ser uma pessoa que dirigia uma emissora como a TV Cultura; a greve dos alunos da Usp; e a ação de Dom Paulo Evaristo Arns para se fazer o ato ecumênico na Catedral da Sé — diz Markun.

O ato ecumênico mobilizou em torno de 8 mil pessoas em 31 de outubro de 1975, foi marcado a pedido do Sindicato e da família Herzog e celebrado por Dom Paulo Evaristo Arns e pelo Rabino Henry Sobel, com mais de duas dezenas de sacerdotes de outras Igrejas. Os militares tentaram impedir sua realização, bem como sua divulgação pela imprensa. Para impedir que as pessoas chegassem ao evento, o então Secretário de Segurança do Estado de São Paulo, Coronel Erasmo Dias, montou uma operação com cerca de 800 policiais armados, bloqueando vários acessos à Catedral da Sé. A barreira provocou um engarrafamento de mais de cinco horas na capital paulista.

No Rio, a Cúria Metropolitana cancelou a missa que seria celebrada ao meio-dia, na Igreja de Santa Luzia, como alternativa os jornalistas se reuniram no Auditório Oscar Guanabary, localizado no nono andar da sede da ABI, para um culto simbólico ao qual compareceram cerca de 500 pessoas. A Mesa que presidiu o ato foi liderada pelo Presidente da instituição, Prudente de Moraes, neto, acompanhado por Barbosa Lima Sobrinho; pelo Presidente do Sindicato dos Jornalistas do Rio, José Machado; o Presidente do Sindicato dos Jornalistas Liberais, Ari Nepomuceno; e o Deputado Lysâneas Maciel.

Em São Paulo, os jornalistas e milhares de cidadãos também não se intimidaram com a repressão policial e foram prestar homenagem a Vladimir Herzog, cuja morte encorajou a sociedade brasileira a exercer sua oposição ao regime ditatorial. Os que conseguiram entrar na Catedral da Sé ouviram Dom Paulo Evaristo Arns dizer que “ninguém toca impunemente no homem, que nasceu do coração de Deus para ser fonte de amor em favor dos demais homens”.

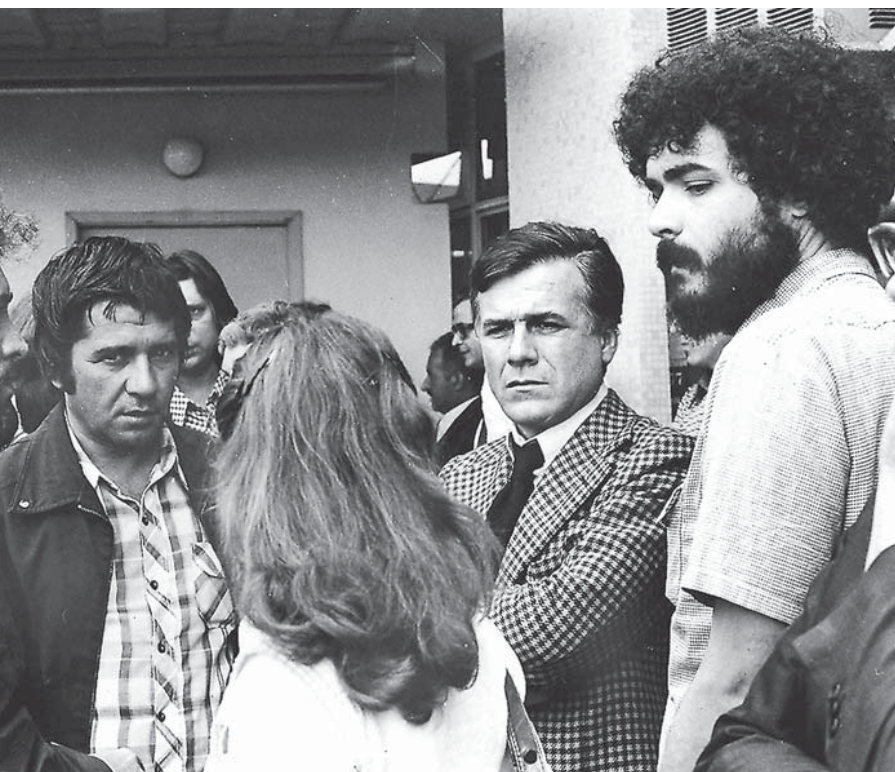
Vladimir Herzog era esse homem que, para Audálio Dantas, se transformou no símbolo do despertar da consciência da sociedade brasileira: — O Herzog se transformou no símbolo da luta de resistência e seu sacrifício foi o ponto de partida da derrubada da ditadura no País.



ACERVO ICONOGRAFIA - CORTESIA CIA DA MEMÓRIA



EVIRA ALEGRE



EVIRA ALEGRE

MEU QUERIDO VLADO

Paulo Markun

Alguns vão parar no olho do furacão por vontade própria. Outros chegam lá por força das circunstâncias. Foi que aconteceu com Vladimir Herzog e comigo. Desde seu primeiro dia de trabalho na TV Cultura — onde assumira a Direção de Jornalismo, me entregando a Chefia de Reportagem — Vlado tornou-se o alvo preferencial de uma campanha que procurava apresentar a emissora como estando sob o perigoso controle dos comunistas, a serviço da subversão internacional.

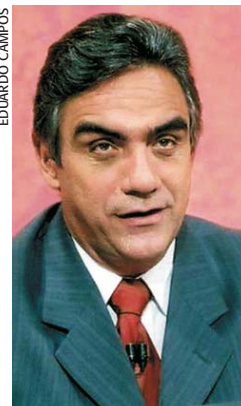
Vlado e eu éramos, realmente, militantes do então clandestino Partido Comunista Brasileiro, mas o projeto dele para o Jornalismo da Cultura era claro, cristalino e fora previamente aprovado pelo Governo do Estado.

O anticomunismo babão de alguns jornalistas, deputados e delegados estava a serviço da operação secreta que buscava liquidar o chamado Partidão e enquadrar os tímidos intuitos de abertura política do General Geisel, insuportáveis para os militares da chamada linha dura.

Nos restava pouco a fazer diante daquela singular conjugação de fatores. E acabamos indo parar naquilo que os próprios agentes do Doi-Codi, o todo-poderoso organismo de repressão política, definiam, orgulhosamente, como “a sucursal do inferno”. Junto com dezenas de companheiros, fui preso dia 17 de outubro de 1975. Uma semana mais tarde, uma equipe do Doi-Codi foi à Cultura prender o Diretor de Jornalismo.

Sob a promessa de se apresentar na manhã seguinte, Vlado dormiu em casa. Na manhã seguinte, cumpriu o combinado. Horas mais tarde, estava morto. Para encobrir o assassinato, forjaram seu suicídio por enforcamento — mais uma na longa série de mentiras com que os militares tentavam ocultar o que ocorria no porão do regime. Mas, pela primeira vez depois de muito tempo, a sociedade reagiu a uma morte sob tortura.

É o que o livro relembra, 30 anos mais tarde, na esperança de registrar, a partir de um ponto de vista pessoal, um pouco da história de meu querido Vlado e do sonho da nossa geração.



EDUARDO CAMPOS

Jornalista e apresentador do programa *Roda viva*, da TV Cultura. Texto de apresentação do livro *Meu querido Vlado*

O SINDICATO, UMA TRINCHEIRA

Audálio Dantas

O papel desempenhado pelo Sindicato dos Jornalistas de São Paulo na denúncia do assassinato de Vladimir Herzog ainda não foi devidamente avaliado. Se o sacrifício de Vlado foi, sem sombra de dúvida, o ponto de partida para o desmonte do aparelho de repressão armado pela ultradireita, que lutava pela hegemonia na ditadura militar, a atuação do Sindicato no episódio marcou o momento em que se abriu espaço para o crescimento da resistência da sociedade civil ao regime instalado no País com o golpe de 64.

A realização do culto ecumênico em memória de Vlado, com a participação de mais de 8 mil pessoas, no dia 31 de outubro de 1975, na Catedral de São Paulo, foi a maior manifestação pública desde a decretação do Ato Institucional nº 5, em dezembro de 1968. Isso apesar do clima de ameaças, do verdadeiro cerco estabelecido com a chamada Operação Gutemberg, comandada pelo então Secretário de Segurança, Coronel Erasmo Dias, que mandou instalar mais de 380 barreiras nos principais pontos de acesso ao centro da cidade.

Naqueles dias de outubro, o Sindicato dos Jornalistas de São Paulo era a principal trincheira, uma referência para a sociedade civil na luta contra a repressão. O processo que levaria à denúncia do assassinato de Vlado, contudo, começara meses antes, com a vitória da oposição nas eleições para a Diretoria do Sindicato, em abril. Os sindicatos eram mantidos sob estrito controle pela ditadura, mas o dos jornalistas começou a falar, a levantar questões proibidas, como a censura, a política salarial e outras. Em julho, dois meses depois de sua posse, a Diretoria já era convocada ao Comando do II Exército para explicar uma nota distribuída à imprensa em que contestava acusações de que as redações estavam “dominadas” pelos comunistas.

A ação repressiva dos militares que se opunham ao projeto de abertura política ensaiado pelo General Ernesto Geisel, que ocupava a Presidência da República, vinha num crescendo desde o final de setembro, quando se iniciou a série de prisões e seqüestros que culminaria com a morte de Herzog, no Doi-Codi do II Exército, no dia 25 de outubro. Era a Operação Jacarta, inspirada num massacre ocorrido dez anos antes na Indonésia. Quando a Operação Jacarta, comandada pelos militares da ultradireita, alcançou o primeiro jornalista (Sérgio Gomes da Silva, no dia 5 de outubro), sua prisão foi denunciada em nota distribuída pelo Sindicato, tornando público um assunto que, na maioria das vezes, ficava restrito às famílias e aos amigos das vítimas da repressão.

Daí em diante, a cada prisão (antes de Vlado foram presos dez jornalistas)

um novo comunicado era distribuído. Várias vezes convocada à presença dos militares, a Diretoria do Sindicato era advertida de que as denúncias que fazia poderiam levar ao enquadramento na Lei de Segurança Nacional. Não é exagero dizer que a reação dos jornalistas, conduzida pelo Sindicato, frustrou um golpe que vinha sendo preparado havia tempo pelos militares da chamada linha dura.

No Caso Herzog, a versão de suicídio apresentada pelo Comando do II Exército não foi aceita em momento algum pelos jornalistas. Tratava-se de mais um caso de assassinato praticado contra opositores do regime, mas não seria, como muitos outros, recebido em silêncio. O corpo de Vlado não seria apenas mais um entregue em caixão lacrado e sepultado sob o peso do silêncio e do medo. O comunicado que o Sindicato distribuiu no dia seguinte à morte do companheiro foi um grito e uma denún-

cia. Foi um basta, a expressão da consciência nacional, que não mais suportava a opressão. O documento responsabilizava os militares pela morte, independentemente da circunstância em que ela ocorreria.

“Não obstante as informações fornecidas pelo II Exército” — dizia o documento — “o Sindicato dos Jornalistas deseja notar que, perante a lei, a autoridade é sempre responsável pela integridade física das pessoas que coloca sob sua guarda.” E prosseguia: “O Sindicato dos Jornalistas, que ainda aguarda esclarecimentos necessários e completos, denuncia e reclama das autoridades um fim a essa situação em que jornalistas profissionais, no pleno, claro e público exercício de sua profissão, cidadãos com trabalho regular e residência conhecida, permanecem sujeitos ao arbítrio de órgãos de segurança, que os levam de suas casas e de seus locais de trabalho, sempre a pretexto de que apenas irão pres-

tar depoimento, e os mantêm presos, incommunicáveis, sem a assistência da família e sem assistência jurídica, por vários dias e até por várias semanas, em flagrante desrespeito à lei.”

A discussão desse documento, inicialmente no âmbito da Diretoria, foi o começo de um formidável movimento que uniria, primeiro, os jornalistas e depois outros setores da sociedade civil. Na condução do processo, o Sindicato se abriu à ampla participação da categoria, que, da perplexidade, passou à organização que levaria à mais contundente denúncia até então feita de um crime da ditadura militar. Esse processo prosseguiria com a discussão ampliada que levaria à elaboração de um documento que desmontaria, ponto por ponto, a farsa do Inquérito policial-militar montado pelo II Exército para “apurar as circunstâncias em que ocorreu o suicídio do jornalista Vladimir Herzog”. Resumido no manifesto *Em nome da verdade*, o documento foi assinado por 1.004 jornalistas de todo o Brasil e distribuído à imprensa em janeiro de 1976. Apenas um jornal, *O Estado de S. Paulo*, o publicaria na íntegra, mas como matéria paga. Isso dava a medida do quanto os jornalistas tinham avançado na denúncia dos crimes da ditadura.

Vice-Presidente da ABI. Em 1975 era Presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo.

O MOMENTO DA MORTE

Rodolfo Konder

Na manhã do dia 25, eu vi que Vlado chegou. Eu olhava assim por baixo do capuz e o identifiquei pelos sapatos, que eu conhecia bem. Comprávamos sapatos juntos, ele era muito meu amigo, então eu sabia que era ele que estava ali. Logo depois ele foi levado. Ele ficou na sala ao lado da nossa, por isso depois eu pude ouvir os gritos.

Nós ficamos ali algum tempo e o Marechal foi nos chamar, eu e o Duque Estrada. O sujeito que o estava interrogando, o torturador, era o Pedro Mira Grancieri, um sargento da Marinha que depois morreu de maneira estranha, deve ter sido queima de arquivo. E ele disse: “Olha, o Vladimir tá aí com embromação, então é melhor vocês dizem para ele abrir o jogo. Se não, ele vai entrar na porrada.”

E nós: “Olha, Vlado, eles já sabem que nós tínhamos uma base, quem eram os membros da base, já estão sabendo.” Até acrescentei, achando que eu era esperto: “Olha, Vlado, eles sabem, inclusive, que o responsável pela nossa base era o Miguel Urbano Rodrigues, que o Miguel já tinha ido embora para Portugal.” E o Vlado disse assim: “Eu não sei do que vocês estão falando, eu nunca fui comunista, não sou comunista.”

Aí o sujeito mandou o Marechal nos levar de volta para a sala de espera. Passou-se mais algum tempo e ele começou a gritar. A gritar primeiro, levando porradas, socos e aquela coisa, e depois levando choques elétricos. Os gritos são bem



O jornalista Vasco Oscar Nunes, Diretor do Sindicato, e Clarice Herzog lêem o jornal: a Folha da Tarde, do Grupo Folha, noticiou em manchete o “suicídio” de Vlado.

diferentes. Eu tinha passado na véspera pela experiência, sabia exatamente o que estava acontecendo. Inclusive um sujeito ligou um rádio no corredor, supostamente para abafar o barulho, e o rádio estava dando a notícia de que o General Franco tinha recebido a extrema-união. Aí, tudo cessou: os barulhos, os gritos.

Algum tempo depois, veio o Marechal e me pegou de novo, o Duque Estrada dessa vez não foi. O Vlado já estava assinando uma confissão do próprio punho, estava muito nervoso, trêmulo, mas já estava fazendo a sua confissão, que aliás começava assim “Fui aliciado pelo Partido Comunista pelo Rodolfo Konder.” Quer dizer, uma confissão que a Polícia ditou ali para ele, porque nenhum de nós usaria essa expressão, “fui aliciado”. Aí o Marechal me levou de volta para a sala de espera e,

aparentemente, estava tudo resolvido.

Só que, é claro, na hora de assinar a confissão, ele teve um momento de indignação. Ele era uma pessoa muito ética. E é um momento difícil você entregar o papel em que você dá o nome de amigos. É muito chato, é um trauma, é um negócio difícil. E ele teve um momento de indignação e pegou o papel — ele já tinha escrito, já tinha assinado; inclusive o exame da letra confirmava, era a letra dele. Ele pegou o papel e rasgou e jogou fora. Aí os caras foram para cima dele, não mais com técnica, mas com raiva, porque era voltar tudo à estaca zero. E aí ele foi empurrado e bateu com a base da cabeça no parapeito de uma janela baixa que tinha lá de mármore e morreu do trauma.

Jornalista e professor universitário.

“A VLADO NINGUÉM PÔDE SALVAR”

Sérgio Gomes

Naquele dia 25 de outubro de 1975, a equipe de torturadores era dirigida pelo Capitão Ramiro. Eram três equipes no Doi-Codi, cada uma em plantão de 24 horas, com 48 de folga. O Capitão Ramiro tinha um estilo diferente das duas outras equipes. Andava sempre munido de um sarrafo e sabia exatamente onde bater, nos cotovelos, nos joelhos, nos tornozelos — nas articulações. Ele conhecia muito bem a anatomia humana e desmontava uma pessoa com poucos golpes e sem barulho. Tinha prazer especial em amarrar as pessoas na chamada cadeira do dragão, que é uma espécie de troninho, de metal, molhado, onde os braços e as pernas são imobilizados; amarra-se um fio elétrico no pênis, outro na orelha e aí, em seguida, com uma maquininha, um dínamo, chamada de “pimentinha”, iam dando choques. Não é um choque que queima, não sei dizer se é amperagem ou voltagem.

Depois de encapuzar a pessoa, o Capitão Ramiro jogava amoníaco sobre a parte frontal do capuz e apertava aqui na parte abaixo do queixo, de tal maneira que a pessoa ficava com aquele capuz bem colado no rosto. Ao mesmo tempo, Ramiro dava porradas, gritos, choques elétricos e jogava amoníaco no capuz — a pessoa ia respirando esse amoníaco. À medida que o choque elétrico se dá, se você estiver expirando, você não consegue inspirar, e se você estiver inspirando, não consegue expirar. Então, como os choques são dados

aos trancos, você vai ficando com a respiração completamente descontrolada e esse amoníaco entra pelas suas narinas, invade o cérebro como se fosse uma batalha de espadas, uma coisa maluca, cortando seu cérebro de todo jeito — e você ali imobilizado, levando choques, porrada, gritos. Tudo isso arma uma situação que é como se fosse surreal, você já não tem mais noção de se é com você mesmo que está acontecendo, começa a ficar confuso, não há saída para aquilo, você está amarrado.

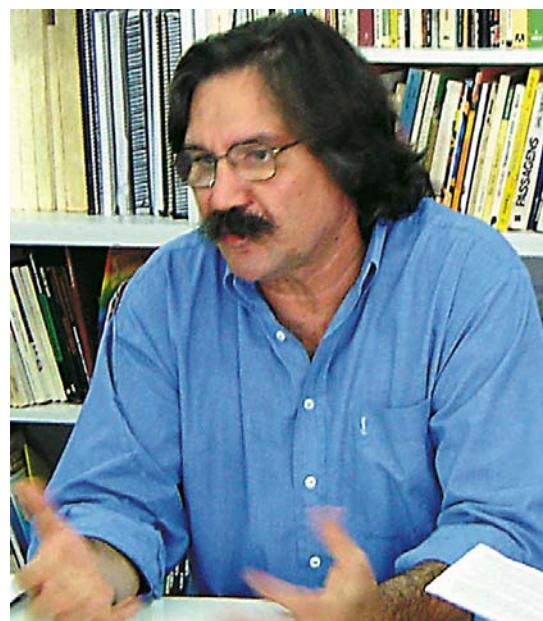
Fui submetido a isso muitas vezes e percebi em mim que a qualquer momento morreria, a qualquer momento podia ter um derrame, um colapso, a coisa ia se desagregar. Sentia essa proximidade. Você vai ficando completamente fora de si. É uma coisa que até precisaria ser vista por médicos neurologistas para saber o que acontece, porque eu soube depois que, frente a situações-limite, como esta, de dores muito agudas e aflições muito intensas, o cérebro dá um tipo de descarga e mata o indivíduo para salvá-lo do enlouquecimento. Se a pessoa sofre um acidente de automóvel e tem, por exemplo, esmagamento da coluna, que dizem ser a mais terrível das dores, o sujeito morre de dor, morre para fugir dessa dor, que é tão lancinante que a pessoa vai enlouquecer. Então, antes de enlouquecer, a pessoa se salva morrendo.

Eu senti isso. Tanto é que, numa dessas ocasiões, depois de passar por uma dessas sessões do Capitão Ramiro, me desamarraram, me tiraram o capuz, me deixaram lá, eu vomitei bílis, vomitei uma coisa como se fosse placenta, eu estava todo erodido, me lembro que abriam a porta do lugar onde estava, trouxeram uma pessoa, que não sei quem é, que tinha sido recentemente presa, e lhe disseram:

“Olha, é melhor colaborar senão vai acontecer com você a mesma coisa que está acontecendo com esse cara aí, que já está no fim.” Isto me deixou com uma mistura de cagaço e humilhação, porque eu estava sendo usado a essa altura já como exemplo do estrago que se pode fazer com um ser humano.

Depois de vários dias eu tinha emagrecido bem, estava todo arreventado, minha condição era usada para produzir pavor nos outros.

Estou ali e vejo sobre um banquinho um vidro de amoníaco, o vidro que o Capitão Ramiro usava. Então fico olhando para aquele vidro e resolvo me suicidar, porque a coisa tinha passado do que parecia suportável, eu ia enlouquecer. Pego o vidro e tento tirar a tampa de plástico, dessas que têm como se fosse um biquinho de peito para dentro, cuja borda de plástico praticamente adere ao gargalo. Você tem de ter uma unha muito boa para conseguir separar esse plás-



Preso no princípio de outubro, Sérgio Gomes pensou em se matar e tentou, para se livrar da tortura.

tico, que tem uma certa pressão que resiste, ou então você tem de tirar com o dente. Eu estava com a boca toda fodida, então estava tentando tirar com o dente e com a mão, torcendo para que engolir o amoníaco daquele vidro fosse suficiente para me matar logo. Estou nessa tentativa desesperada para me matar quando entram o Capitão Ramiro de novo e o seu grupo, me arrancam aquele vidro, me reamarram na cadeira do dragão e, aí começa outra sessão indescritível, coisa maluca.

Então, eu tinha passado por isso várias vezes. E lá naquela cela solitária, com o ouvido na janelinha, eu podia ouvir os gritos: ‘Quem são os jornalistas? Quem são os jornalistas?’ Pô, o que é que podia ser? Não tinha idéia de que fosse o Vlado, não tinha a menor idéia. Pelo tipo de luta, pelo tipo de grito, pelo tipo de porrada, sabia que estava sendo feito com alguém exatamente aquilo pelo que eu tinha passado e sabia o que podia acontecer.

Algum tempo depois, um grande silêncio. Mais um pouco de tempo e há um remanejamento, deslocam-se pessoas de um lado para outro dentro daquelas instalações lá na delegacia, desse ambiente onde eles tinham gente presa. Mais tarde sou informado por um médico chamado David Rumell que tinham apagado um cara, não sabia ainda quem era. Só venho a saber de quem se trata no dia seguinte, quando o Paulo Sérgio Markun, que foi um dos dois jornalistas que teve direito de ir ver o corpo, se encontra comigo numa das salas e me diz que tinham matado o Vlado.

Foi de manhã, lá pela hora do almoço há uma azáfama, uma correria. Ele foi torturado durante toda a manhã e lá pela hora do almoço se dá o tal silêncio. A pessoa pára de ser torturada e em seguida há uma azáfama, uma correria,

a gente percebe que tem alguma coisa estranha acontecendo. Eles tinham acabado de matar o Vlado.

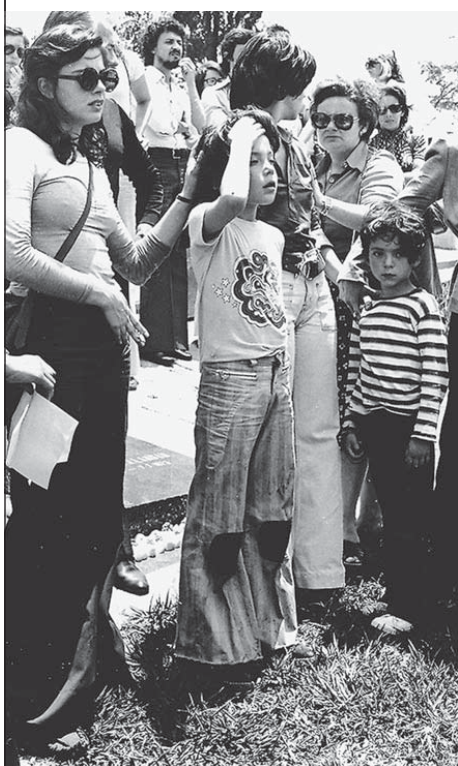
Sobre a hipótese de suicídio, inclusive a foto que eles divulgaram, tenho a dizer que eu estive preso numa daquelas celas. Por esse tempo todo fiquei preso em praticamente todas as celas ali, não há nenhuma possibilidade de suicídio. Ninguém ficava com cinto, ninguém podia ficar com cinto. Depois da morte do Vlado, eles fazem justamente o remanejamento das pessoas dentro do Doi-Codi, para deslocar o corpo, montar a farsa, bater as fotografias. A cela onde eles tiraram a foto do Vlado era uma das celas que estava toda ocupada por pessoas presas. Quer dizer, o Vlado jamais esteve preso numa dessas salas que

correspondiam às celas da delegacia. Ele foi torturado lá dentro, na sala especial onde ficava a cadeira do dragão. As pessoas não eram torturadas nas celas, eram torturadas lá dentro. Então o Vlado nunca esteve no lugar onde dizem que ele se suicidou. Ele estava sendo torturado daquela maneira que eu descrevi de forma simples e eu tenho para mim que ele morreu disso, de derrame, de colapso, pois foi uma longa sessão de terrível tortura. Não sei se é possível, se a religião judaica admite que se faça a exumação do corpo, porque, se fizerem, certamente encontrarão traços de amoníaco.

Quanto a esse depoimento do japonês chamado Paulo, que se suicidou agora, que disse ter sido o Vlado morto de madrugada não pelo Capitão Ramiro, mas por outro, e que foi afogado numa lata com água e enxofre, isso é alucinação. O Vlado não foi assassinado de madrugada e eu não vi ninguém ser torturado ou afogado em água com enxofre. Isso não era o que se fazia ali.

Então, eu afirmo: o Vlado não se suicidou. O Vlado foi assassinado, sob o comando da equipe dirigida pelo Capitão Ramiro. Na manhã do dia 25 de outubro ele foi submetido a tortura, amarrado à cadeira do dragão, sob choques elétricos, possivelmente um fio amarrado ao sexo e outro à orelha, levando porrada de ripa nas articulações e sendo asfixiado com amoníaco que era derramado sobre o capuz de lonita que se usava para impedir que os presos vissem os torturadores.

Jornalista e Diretor da ong Oboré. Era repórter e estudante há 30 anos. Reprodução autorizada de depoimento publicado no jornal *Unidade* do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de São Paulo em outubro de 1992.



Clarice Herzog e os filhos durante o sepultamento de Vlado.

ADMIRAÇÃO PELA VIDA AFORA

José Mindlin

Vladimir Herzog foi uma das pessoas mais íntegras que conheci. Foi pena não ter tido com ele tanto contato quanto desejaria, mas foi o suficiente para que o ficasse respeitando e admirando. Tudo se deu naquele tumultuado ambiente de 1975, com o desfecho que todos nós lamentamos. Mas em que lhe coube ser o personagem marcante que abriu, com o sacrifício de sua vida, o caminho para a abertura política.

Nosso primeiro encontro se deu quando eu era Secretário de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo e, na ausência de meu saudoso amigo Rui Nogueira Martins, Presidente da Fundação Padre Anchieta, o nome do Vlado foi indicado para a Diretoria de Jornalismo da Fundação. Houve vários candidatos, mas o currículo do Vlado era de tal forma superior que não havia hesitação possível. Não o conhecendo pessoalmente, convidei-o para uma conversa na Secretaria, e a boa impressão se confirmou plenamente. Assim, apressei-me a indicar seu nome ao Governador Paulo Egídio Martins, para não retardar o preenchimento do cargo. Note-se que, em nossa conversa, o Vlado não introduziu qualquer elemento pessoal que pudesse de alguma forma influenciar a minha decisão. Não mencionou, por exemplo, grandes amigos comuns como Antônio Cândido, nem fiquei sabendo que ele era, como eu, de origem judaica. Queria, evidentemente, que minha escolha fosse, como realmente foi, inteiramente objetiva.

Feita a indicação, estranhei que o assunto não fosse rapidamente resolvido. Comecei a saber de pressões injustificadas contra o Vlado e em favor de outro candidato, a meu ver, menos qualificado. Isso me fez insistir na indicação, afinal aceita pelo Governador depois de mais ou menos um mês. Retrospectivamente, perguntei-me várias vezes se não teria sido preferível não ter insistido, mas, na ocasião, não havia como. Devo acrescentar que, antes de indicar o Vlado, e como era constrangedoramente de praxe naquele momento para esse tipo de nomeação, consultei pelo telefone o Coronel Chefe do SNI (Serviço Nacional de Informações) em São Paulo, que, depois de pedir que aguardasse um pouco, retornou a ligação declarando não ter nenhuma objeção. As únicas observações negativas sobre o Vlado, disse-me ele, “eram imprudências de mocidade, sem maior importância”.

Vlado nomeado e empossado, viajei para um seminário nos Estados Unidos, e, na volta, informou-me o Governador que aparentemente estavam surgindo problemas na TV Cultura. Sugeri-me que entrasse em contato com o “Chefe do SNI, pois não queria problemas nessa área”.

Tive esse encontro no dia seguinte, no próprio gabinete do Governador (era dia de despacho), e aí defendi a posição do Vlado, que estava sendo criticado, re-

cusando-me a demiti-lo sem razões válidas para tanto, eventualmente surgidas após a aprovação de seu nome pelo SNI. “Não estou pedindo que o demita”, disse-me o Coronel. “O senhor resolve, dependendo do risco que esteja disposto a assumir.” Foi uma conversa meio tempestuosa, mas que não me parece necessário transcrever aqui. O importante foi que chegamos a um acordo, que levamos ao conhecimento do Governador, no sentido de que o Vlado continuaria no cargo, e que, se surgissem fatos graves, o Coronel se comunicaria conosco, não tomando qualquer medida, sem prévio entendimento com o Governador ou comigo.

Instalaram uma televisão no gabinete do Coronel (provavelmente já existia) e outra no meu, a fim de podermos acompanhar os programas de jornalismo do Vlado, e ver o que acontecia. Nada aconteceu durante um mês, até o dia em que viajei novamente para os Estados Unidos (viagens particulares sem ônus para o Governo) numa sexta-feira, dia 24 de outubro. O Governador, por sua vez, viajou no mesmo dia para o interior do Estado. Pois nessa noite começou a precipitar-se o drama: Vlado foi preso na TV Cultura, e, relaxada a prisão por intervenção de amigos e meus colaboradores na Secretaria, comprometeu-se a comparecer no dia seguinte ao Doi-Codi, onde a tragédia aconteceu. Eu só soube no domingo, mas não consegui passagem de volta antes da terça. Aqui chegando, procurei imediatamente o Governador para apresentar meu pedido de demissão da Secretaria. A resposta do Governador explica minha permanência no cargo naquele momento:

“Você está liberado, dentro do entendimento que tivemos quando você assumiu (de que eu deixaria o cargo se não houvesse abertura). Mas devo dizer que, saindo agora, você enfraquece a resistência que temos de opor à ala radical. Porque eles pegaram o Vlado para pegar você. Pegariam você para me pegar e me pegariam para derrubar o Presidente. Você resolve, mas, se ficar, não posso garantir nada: amanhã podemos estar todos na rua, ou presos”.

Diante disso, senti que não poderia deixar a Secretaria naquela hora, mas saí decidido a deixá-la na primeira oportunidade, como de fato deixei.

Isso, no entanto, é outra história. O que eu quero dizer neste depoimento é que lamentei profundamente o que aconteceu e o apreço que de início tive pelo Vlado transformou-se numa admiração pelo resto da vida.

Bibliófilo e Presidente da Comissão Editorial da Editora da Universidade de São Paulo. Na época, era Secretário de Cultura do Estado de São Paulo.



Na madrugada da vigília por Vlado, solitário, Audílio chora de dor pela morte do companheiro.

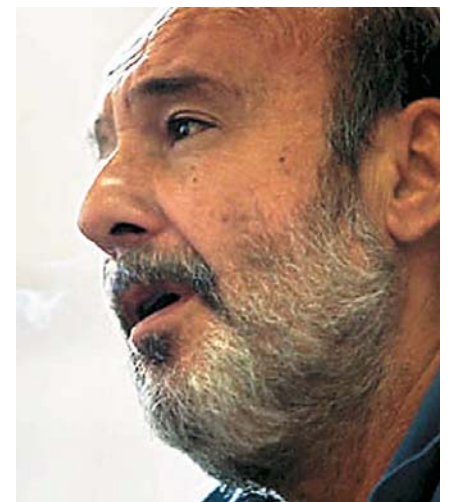
AS DUAS MORTES DE VLADO

Ricardo Kotscho

Está fazendo 30 anos, nem acredito. Como correu o tempo, como as coisas mudaram depressa e, no entanto, como às vezes parece que não saímos do lugar, deixando tudo como está para ver como é que fica. Mais grave ainda é constatar que, apesar de tantos avanços democráticos, em certas coisas regredimos. No jornalismo, por exemplo.

Quando Vladimir Herzog, o nosso Vlado, foi assassinado há um quarto de século, muitos jornalistas continuavam trabalhando como se a censura não existisse. Hoje, a censura prévia não existe mais, ao menos formalmente, mas muitos jornalistas, talvez a maioria, agem como se houvesse um censor invisível controlando suas almas, mentes e matérias. Nos tempos de Vlado, levar o jornalismo às últimas consequências — ou seja, contar tudo que está acontecendo e é de interesse da maioria da população — constituía atitude temerária, significava correr risco de vida. Por isso, Vlado, torturado, morreu. Hoje, o único risco que existe é o de perder o emprego — e este parece ser mais amedrontador do que perder a própria vida ou perder a vergonha na cara. Pior: no jornalismo de resultados que domina tantas Redações, mais do que o medo de perder o emprego impera o vale-tudo da ambição para a rápida conquista de cargos e salários. O compromisso social e político, que era o principal mote da atividade jornalística nos tempos da ditadura, agora virou coisa de dinossauros românticos.

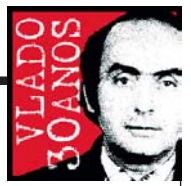
Com essa história de fim da História, morte de ideologias e todo o poder



Ricardo Kotscho: Como as coisas mudaram depressa, sem sair do lugar.

ao mercado neoliberal globalizado, o que se quer é decretar a morte de princípios, valores, aquelas coisas antigas resumidas na palavra idealismo. Mudou o caráter da profissão. O jornalismo exercido por Vlado era um instrumento de lutas, mudanças, avanços sociais, conquistas populares, compromissos éticos. O que é o jornalismo hoje? Se voltasse a frequentar uma Redação por alguns segundos, desconfio que Vlado não reconheceria o cenário, não lhe agradaria a paisagem, estranharia os personagens. Relembrar a morte de Vlado é um bom motivo para refletirmos o que fizemos do nosso ofício, uma forma de evitar que morram também os ideais pelos quais ele lutou.

Jornalista. Membro do Conselho Deliberativo da ABI.



Henry Sobel

Faz 30 anos que o Brasil perdeu Vladimir Herzog. Vlado era jornalista de destaque, professor da Universidade de São Paulo e Diretor do Departamento de Jornalismo da TV Cultura. Era também um judeu. Não praticante, mas um judeu — um judeu dotado de grande capacidade intelectual, universal em sua visão e profundamente comprometido com as causas humanitárias no Brasil e no exterior. Eu o conhecia superficialmente.

Na segunda-feira, dia 27 de outubro de 1975, os jornais noticiaram a morte de Herzog, aos 38 anos de idade, depois de ter sido submetido a intensos interrogatórios nas dependências do Departamento de Operações Internas do II Exército, em São Paulo. Estávamos então no auge da repressão neste País. Herzog foi encontrado morto em sua cela no Doi-Codi. A explicação oficial divulgada pelas Forças Armadas foi que ele havia se suicidado.

O enterro de Herzog, que se realizou nessa mesma segunda-feira no Cemitério Israelita do Butantã, teve ampla repercussão na imprensa local e internacional, não somente devido às circunstâncias trágicas em que ocorrera sua morte, mas também porque muitas das pessoas presentes ao sepultamento tiveram a impressão de que a cerimônia não havia sido celebrada de acordo com os rituais tradicionais judaicos. Entre os fatos destacados pela imprensa, noticiou-se com ênfase a ausência de um rabino no cemitério e a suposta rapidez com que se realizou o enterro. Como representantes da fé judaica estavam presentes apenas um cantor litúrgico e os membros da Chevra Kadisha, o comitê funerário da Congregação Israelita Paulista.

Em entrevista que concedi à imprensa no dia seguinte, esclareci que os rituais de sepultamento haviam sido cumpridos rigorosamente de acordo com a lei judaica. E expliquei que o único motivo da minha ausência tinha sido um compromisso profissional inadiável, no Rio de Janeiro, no dia do enterro. Ressaltei que a comunidade judaica estava chocada diante da violação dos direitos fundamentais de Herzog e que ele havia sido vítima da ditadura. Declarei categoricamente à imprensa que Herzog tinha sido sepultado com todas as honras que lhe eram devidas como judeu, como brasileiro, como ser humano. De acordo com a lei judaica, um suicida é enterrado na periferia do cemitério, como forma de condenar visivelmente o pecado cometido



Clarice, de óculos escuros, ao centro, resiste à tentativa dos religiosos de apressar o sepultamento de Vlado.

UMA LIÇÃO NÃO CAPTADA

por aquele que destrói a própria vida. Não foi esse o caso de Vlado; ele foi sepultado no centro do campo-santo.

Preocupou-me imensamente não só a barbaridade do crime que havia sido cometido, mas também a imagem de passividade que foi atribuída à comunidade judaica. Fiz questão de declarar à imprensa que a Sinagoga defendia os direitos humanos com o mesmo fervor que a Igreja e que os judeus estavam tão revoltados com a morte de Herzog quanto todos os outros brasileiros. Quando me perguntaram sobre “um certo apressamento da cerimônia do enterro”, expliquei — depois de consultar o nosso pessoal da Chevra Kadisha — que, de fato, houve um apressamento, motivado pelo respeito ao falecido. Dado o grande número de pessoas presentes, a intenção tinha sido evitar que o funeral se transformasse num ato público de caráter político. Quando voltei do Rio a São Paulo, assegurei à família, tanto pessoalmente como publicamente, que todas as orações haviam sido devidamente recitadas.

Alguns dias depois da morte de Herzog, a pedido da família e do Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, foi realizado um culto ecumênico na Catedral da Sé, co-celebrado pelo

Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, pelo Reverendo Jaime Wright e por mim. Cerca de 8 mil pessoas compareceram à catedral para render tributo a Vlado, entre os quais inúmeros parlamentares, professores, estudantes e representantes dos centros acadêmicos de quase todas as faculdades paulistas. O culto foi conduzido com a maior solenidade e dignidade. O Cardeal Arns foi magnífico! Ele se referiu ao Governo como “assassinos” e citou o mandamento do Decálogo: “Não matarás! Ninguém mata um homem e fica impune”, disse o Cardeal. Os presentes ouviram as palavras dos oradores e o canto do *El malé Rachamim*, a tradicional oração judaica em tributo aos falecidos. Foi recitado então o *Kadish*, a prece dos enlutados. Audálio Dantas, Presidente do Sindicato dos Jornalistas, concluiu o serviço religioso dizendo: “Em nome dos jornalistas, em nome de Deus e em nome dos homens, pedimos a paz e nos comprometemos a lutar pela paz”.

Imediatamente após a morte de Herzog, milhares e milhares de universitários, jornalistas, intelectuais e líderes religiosos de todos os credos organizaram passeatas, greves e atos públicos, em consequência dos quais o Comandante ultra-radical do II Exército foi substituído por outro mais moderado.

A morte de Vladimir Herzog mudou o rumo do País. Foi o catalisador da abertura política e do processo de redemocratização do Brasil. Seu nome será sempre uma recordação dolorosa de um sombrio período de repressão na história brasileira. Será também o eco eter-

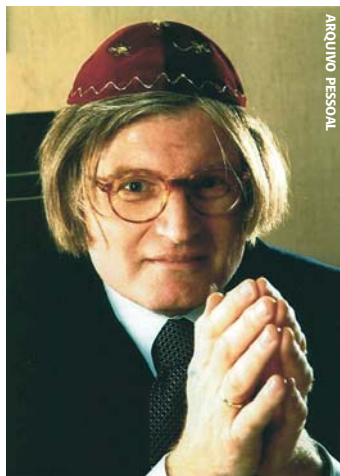
no da voz da liberdade, que não cala jamais. Vlado não foi a única vítima do *establishment* naquela época. Nos anos da ditadura militar no Brasil, centenas de opositores do regime foram espancados em repartições públicas. Muitos foram mortos. A tortura era o meio preferencial utilizado pela polícia para buscar informações sobre outros militantes. Com a redemocratização do País, teve-se a impressão de que a tortura acabara. Infelizmente, era uma impressão falsa. A tortura, um crime inafiançável de acordo com a Constituição Brasileira, continua a ser praticada pelos agentes do Estado, aviltando toda a Polícia. O espancamento, o choque elétrico, o pau-de-arara são técnicas usadas rotineiramente. Nesta nossa civilização que se julga tão avançada, ainda é corriqueira a tortura de presos, a pretexto de puni-los pelos crimes que cometeram ou para extrair confissões de crimes que não cometeram. A tortura precisa ser abolida. O que falta é a determinação da sociedade de não admitir que a tortura seja praticada no País. Não basta alguns defensores dos direitos humanos tentarem pressionar o Governo para que proíba efetivamente a tortura. Tal pressão tem que vir da sociedade como um todo. Em última análise, os cidadãos da nação têm que responder pelos atos — e pela falta de atos — do seu Governo.

Foi a pressão da sociedade que levou o Governo a refrear a tortura nos anos da ditadura. O protesto maciço da população contra o assassinato de Vladimir Herzog surtiu efeitos positivos incalculáveis. Infelizmente, a maioria das pessoas só se revolta com a tortura quando ela é de caráter estritamente político. Quando um criminoso comum é torturado, a sociedade se cala ou — pior ainda — aplaude. A triste verdade é que a violência da Polícia conta hoje com o respaldo de uma parcela considerável da população. Na verdade, a lição do brutal assassinato de Herzog ainda não foi captada 30 anos mais tarde.

Se queremos render tributo à memória de Vlado, temos que preservar dentro de nós o sentimento de indignação e inconformismo, jamais nos acomodando à violação dos direitos alheios. O silêncio é o mais grave dos pecados. A indiferença em face do mal é um incentivo ao recrudescimento do mal. Se fechamos os olhos, se viramos a cabeça, se fingimos não saber, tornamo-nos cúmplices. Digamos “não” à tortura. Alto e bom som, digamos “não” à violência institucionalizada. E, inspirados pelo legado de Vladimir Herzog, digamos “sim” à dignidade humana.

Se queremos render tributo à memória de Vlado, temos que preservar dentro de nós o sentimento de indignação e inconformismo, jamais nos acomodando à violação dos direitos alheios. O silêncio é o mais grave dos pecados. A indiferença em face do mal é um incentivo ao recrudescimento do mal. Se fechamos os olhos, se viramos a cabeça, se fingimos não saber, tornamo-nos cúmplices. Digamos “não” à tortura. Alto e bom som, digamos “não” à violência institucionalizada. E, inspirados pelo legado de Vladimir Herzog, digamos “sim” à dignidade humana.

Presidente do Rabinato da Congregação Israelita Paulista e Coordenador da Comissão Nacional de Diálogo Religioso Católico-Judaico, órgão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil-CNBB.



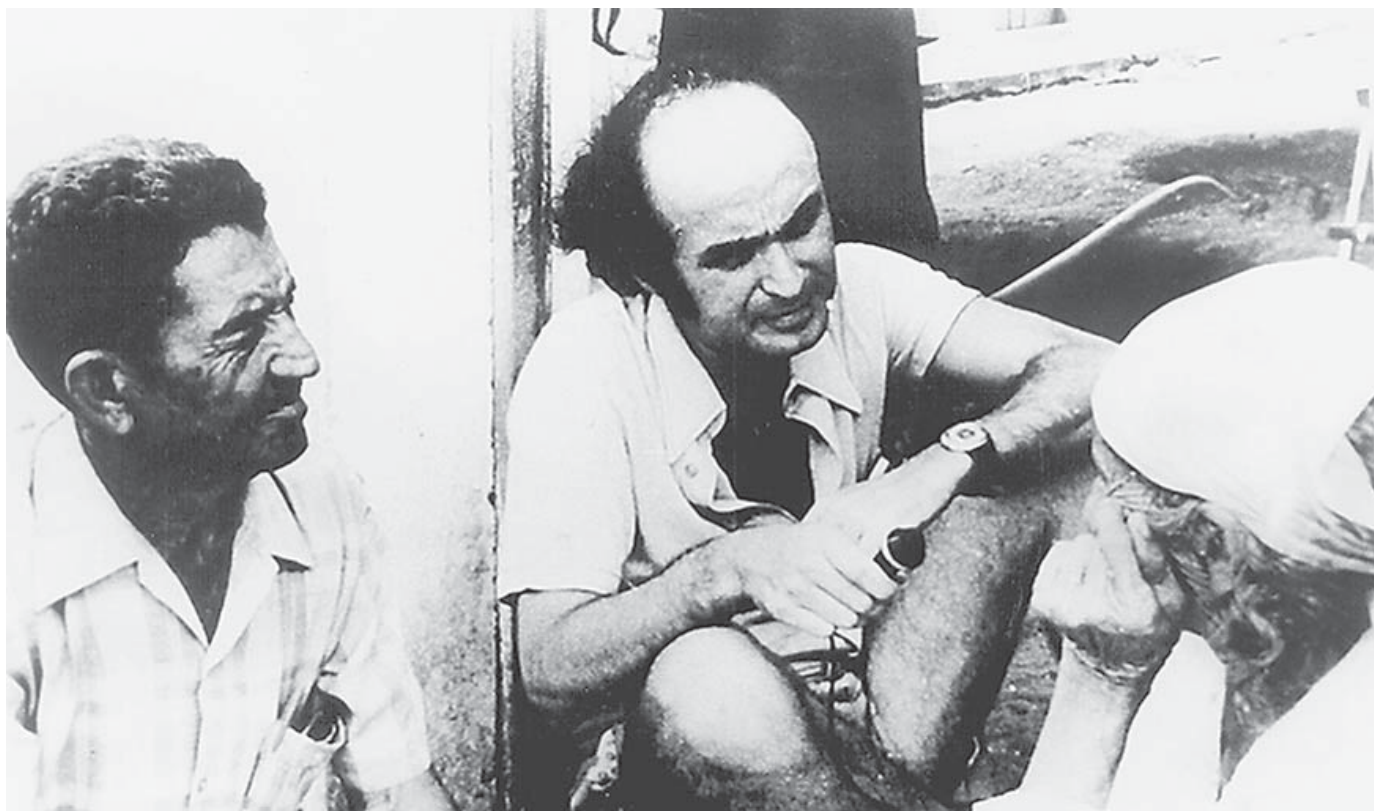
Sobel: Por Vlado, digamos “sim” à dignidade humana.

UM MÁRTIR DA ABERTURA

Zuenir Ventura

Vlado na verdade escrevia pouco — do que ele gostava mesmo era de fazer escrever. E como fazia isso bem! Não me lembro de um editor mais rigoroso, mais exigente com a qualidade do que ele. Vlado ria primeiro com os olhos. Quando fazia isso e sobretudo quando começava a coçar a careca — uma careca que todo mundo achava parecida com a minha — já se sabia que vinha reclamação. Irritado quando ele me obrigava a mexer e remexer muitas vezes uma matéria, eu o xingava de “o cobrador”. Ele chegou a mandar Otto Maria Carpeaux reescrever duas vezes um artigo. Carpeaux, grande intelectual e ensaísta que trabalhava conosco na *Visão*, não tinha propriamente o domínio técnico da reportagem, nem o domínio da paciência, e como Vlado não abria mão de suas cobranças, pode-se imaginar a tempestade que houve. Contado assim à distância, pode parecer que Vlado fizesse isso por impertinência ou arrogância, como afirmação de poder — uma prática tão comum em quem exerce esse tipo de função. Sinceramente, não. Nunca cheguei a discutir o que vou dizer com Fernando Jordão, grande profissional e seu maior amigo, mas acho que Vlado era capaz de mandar reescrever uma matéria duas, três vezes, sem qualquer constrangimento, na maior cara-de-pau, porque era um perfeccionista quase doente. Para ele, não transigir com o erro, não fazer concessão à preguiça, não conciliar com a imperfeição, era a coisa mais natural do mundo. Não lhe passava pela cabeça que alguém não pudesse compartilhar essa tranqüila convicção.

Trabalhei sob suas ordens durante uns dois anos na revista *Visão*. Ele era editor de Cultura em São Paulo e eu chefiava a Redação da Sucursal Rio, cujo diretor Jorge Leão Teixeira era quem mais fazia piadas com a obsessão perfeccionista do Vlado. Como então a produção carioca comandava o movimento cultural do País, eu era quase “exclusivo” da editoria de Cultura, o seu principal fornecedor de material. Eu brincava dizendo: “Sou *full time* do Vlado.” Durante o tempo em que trabalhamos juntos, produzimos algumas matérias de que me orgulho até hoje e uma bela amizade — que incluía e inclui a doce e serena Clarice. Pelo menos de 15 em 15 dias, eu ia a São Paulo e em geral dormia na sala da casa deles na Oscar Freire, lá nos fundos, com aquele portão com desenhos infantis que anunciava o astral do lardos Herzog. Dormia lá para a gente ficar até de madrugada conversando so-



Uma das paixões de Vlado era o cinema, que o levava a buscar a gente simples para poder retratá-la com fidelidade.

bre pautas, matéria, cultura. Raramente falávamos de política. Não é que o assunto não nos interessasse, mas acho que tudo nas nossas vidas passava antes pela cultura. Por isso a morte de

Vlado me pareceu mais estúpida. Ele foi morto pelo que não fazia. Vlado não era um político, um militante, não usava a profissão para fazer contrabando ideológico, uma tentação daqueles tempos em que, por não se respirar, procurava-se em qualquer fresta o ar da liberdade. Ao contrário — e essa era a mais admirável de suas virtudes profissionais — Vlado não instrumentalizava o jornalismo, não fazia dele um pretexto político; ele acreditava na informação como força transformadora. A gente vivia repetindo aquela frase que é atribuída a Lênin, se não me engano: “A verdade é revolucionária”.

Acho que o projeto mais importante do Vlado — só estou me referindo ao jornalismo escrito — foi a parte cultural da edição especial de *Visão* sobre os dez anos do golpe militar, em março de 1974, uma edição que por várias razões se tornou histórica. Quem bancou o número com uma coragem rara naqueles tempos foi o dono da revista, Saïd Farhat. Quem o idealizou, planejou e editou com igual competência foi Luiz Garcia, que chefiava a Redação. Muita gente mais esteve envolvida no projeto e eu mesmo escrevi boa parte das matérias. Mas se credito a Vlado a responsabilidade maior pela importância do número, é porque o projeto ficou famoso pela parte cultural, e o

grande animador desta, seu entusiasta comandante foi de fato Vlado. E como ele me fez trabalhar! O conteúdo da edição trazia como revelação um pouco de luz no fim do túnel. Depois de anos de funda depressão, em que a classe artística estivera mergulhada no desespero ou no desencanto, aqueles artigos e entrevistas carregavam algumas vezes as marcas do lamento, o som de um “grito parado no ar”, para usar o título de uma peça de Guarnieri da época. Mas o que havia de novo não era isso, não era o tom de reclamação; era justamente algo que já anunciava o fim do que se poderia chamar de retórica do queixume — era o que mais tarde viria a se chamar “abertura” e que naquele momento ainda recebia o tímido nome de “distensão”, dado pelo General Geisel.

Na área cultural, o personagem principal do fenômeno e do número de *Visão* foi Glauber Rocha, com suas declarações sobre Geisel, sobre o General Golbery e sobre Darci Ribeiro — “gênios da raça” — e, de passagem e de leve, sobre Fernando Henrique, o príncipe dos sociólogos. Quando soube que, em vez das respostas ao longo questionário que eu lhe enviara pelo Correio, Glauber me mandara uma carta curta, pessoal, cheia de idéias loucas, Vlado quase teve um ataque. Algumas coisas o incomodavam naquela

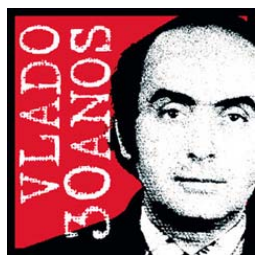
“entrevista”. A primeira delas era justamente a forma heterodoxa e hermética daquele depoimento pouco jornalístico, cujas alegorias e hipérboles chegavam a chocar a vontade de clareza e a ofender a obsessão perfeccionista do meu editor. Mas essa não era a única objeção. Havia também o temor de que aquele depoimento viesse a ser interpretado por Golbery ou por qualquer outro militar como uma provocação. Foi preciso muito argumento para convencer Vlado. O que o convenceu mesmo foi a garantia que me deu Cacá Diegues (que estivera

um pouco antes na Itália com Glauber, sumido depois da carta) de que o que estava escrito era sincero, fidedigno e para valer, ou seja, para publicar.

Naqueles tempos difíceis de viver e trabalhar, Vlado soube viver, trabalhar e morrer com dignidade. Ele é para mim o símbolo da abertura cultural que estava contida naquela edição de *Visão*, assim como quase 20 meses depois iria se transformar no mártir da abertura

jornalística. Não há dúvida de que foi a partir do choque causado por sua morte — com toda a indignação e revolta que espalhou — que a imprensa brasileira tomou coragem de avançar até o horizonte do possível.

Jornalista e escritor. Membro do Conselho Consultivo da ABI.



Zuenir: Vlado era incapaz de conciliar com a imperfeição.